

INÉDITO

SOPHIA DEPOIS DE SOPHIA

Um conto de Sophia sem data foi concluído pelo neto, Pedro Sousa Tavares. «Estabeleci um diálogo interior com as memórias que tenho da minha avó.»

Na primavera de 2009, Maria Andresen descobriu, no espólio da mãe, o início de um conto para crianças intitulado «Os Ciganos». «Era uma vez uma casa muito arrumada onde morava um rapaz muito desarrumado», escreveu Sophia de Mello Breyner Andresen, nesse manuscrito sem data, provavelmente redigido em meados dos anos 60. Se «o começo de um livro é precioso», como disse Maria Gabriela Llan-sol, também o final guarda valor semelhante. Nesta história de um rapaz que salta o muro do jardim de casa, atraído pelo rufar de um tambor e por fugitivas sombras bailarinas, a última frase deixada por Sophia consiste em cinco palavras, tão breves quanto poderosas: «Mas Ruy seguiu os ciganos.»

Foi a partir daqui que Pedro Sousa Tavares (n. 1975) completou a história, acabando por assinar cerca de dois terços do texto de *Os Ciganos* (Porto Editora), uma edição em álbum «de luxo» que conta ainda com o excelente trabalho de ilustração de Danuta Wojciechowska. «A melhor forma de descrever *Os Ciganos* é como um livro que teve três autores», diz Pedro Sousa Tavares, jornalista do *Diário de Notícias*, que assumiu o desafio depois de ter sido ponderado o nome mais óbvio, Miguel Sousa Tavares, autor de três livros para



crianças. «Ainda que, na altura, pensasse que essa tarefa seria assumida pelo meu pai ou pela minha tia Maria, não consegui evitar algumas sugestões sobre o rumo que a história poderia levar. Por isso, quando a minha tia me telefonou a anunciar “Gostámos da tua ideia, acaba a história da avó”, pensei que não tinha nenhuma razão válida para dizer que não.»

Dizendo «sim», Pedro Sousa Tavares foi atrás dos passos de Ruy, menino bem-nascido que salta o muro de casa (a perda do espaço protegido é um dos temas fortes da obra para crianças de Sophia) e segue a caravana do circo cigano. Aceite com relutância pelos mais velhos, ao início, Ruy é visto com outros olhos por dois irmãos, ado-

lescentes curiosos como ele. E a troca entre dois mundos opostos é simbolizada – verbal e visualmente – pelos números de trapézio no arame, de que Ruy se torna aprendiz. Até chegarmos a um segundo final aberto ainda mais enigmático do que o primeiro, que obviamente não revelaremos aqui...

Desiluda-se quem pense que *Os Ciganos* é um pastiche do estilo de Sophia de Mello Breyner: «A ideia de tentar escrever à Sophia nunca me passou pela cabeça. Como digo na introdução do livro, tentar imitá-la resultaria sempre numa caricatura da sua escrita. O resultado seria artificial e destruiria a única ambição que eu tinha: acabar de contar uma história que ela começou.»

Livre do fantasma literário de Sophia («se isso tivesse sucedido provavelmente teria bloqueado»), Pedro Sousa Tavares encontrou outra proximidade mais natural: «De certa forma, estabeleci um diálogo interior com as memórias que tenho da minha avó. E essas memórias acabam por estar presentes na parte da história que escrevi, ainda que nunca de uma forma declarada.»

Outra das armadilhas que tentou evitar faz parte de um legado: «A escrita de Sophia tem uma regra, se podemos chamar-lhe assim: o desprezo pelas palavras inúteis e rebuscadas. Os seus textos, mesmo os infantis, nada têm de básicos – há sempre uma mensagem mais profunda do que aquela que nos é evidente. Mas a forma como se expressa permite que todos, ainda que em níveis distintos, percebam o essencial. E gosto de pensar que respeitei essa regra, apesar de provavelmente não o ter conseguido por completo.»



Há três anos, Maria Andresen descobriu no espólio da mãe o início de um conto de crianças que terminava com a frase: «Mas Ruy seguiu os ciganos.» Um texto inédito que Pedro Sousa Tavares completa agora com a publicação de *Os Ciganos* (Porto Editora).